



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar oferecido pelo Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano

Palácio da Ponte Vermelha

Maputo - Moçambique, 05 de novembro de 2003

Esta nossa viagem ao continente africano é o cumprimento de um compromisso histórico do meu Partido e do meu governo e, eu diria, de todas as pessoas, independentemente dos partidos a que pertençam no Brasil, que têm respeito pelo continente africano e, mais que isso, que sabem que o Brasil tem uma dívida para com a África.

Moçambique é um caso à parte na relação com o meu governo e na relação histórica com o Brasil. Não são poucos os companheiros nossos que moraram em Moçambique. Não são poucos os companheiros nossos que aqui receberam, do governo de Moçambique, a possibilidade de trabalhar e, ao mesmo tempo, de prestar os seus conhecimentos à população de Moçambique.

Quando terminaram as eleições, no ano de 2002, nós sabíamos que tínhamos um compromisso para cumprir com a América do Sul, com a África e com a América Latina. Primeiro, porque era preciso reconstruir a relação do Mercosul, porque o Mercosul só pode dar certo se a relação Argentina-Brasil estiver em perfeitas condições e se as duas economias estiverem em perfeitas condições.

Quis o destino que o Brasil me elegeisse Presidente da República e que a Argentina também elegeisse um Presidente da República que pensa como o Presidente do Brasil sobre o Mercosul. Fizemos um trabalho imenso, no sentido de trazer todos os países da América do Sul para participar do Mercosul, e esperamos que possamos concluir esse objetivo dentro de alguns



meses.

O passo seguinte é o nosso querido continente africano. O Brasil tem uma dívida histórica e, conseqüentemente, precisa contribuir de forma decisiva para o pagamento dessa dívida. E o pagamento dessa dívida se deve pelas boas relações que o Brasil tem que ter, sobretudo, com os países de língua portuguesa.

Nós sabemos que a sociedade brasileira foi construída com o trabalho, com o esforço, com o suor e com o sangue de uma grande parcela de africanos, que eram cidadãos e cidadãs livres na África e se tornaram escravos, para prestar serviços no meu país e em outros países.

A forma mais correta de retribuirmos o sacrifício que os africanos tiveram é estabelecer a mais perfeita política de harmonia com a África. E é um pouco o que viemos fazer aqui. Viemos aqui para dizer ao presidente Chissano que nós, brasileiros, e o governo brasileiro queremos dedicar parte do nosso tempo, parte do nosso conhecimento tecnológico; queremos dedicar o nosso conhecimento industrial, o nosso conhecimento agrícola, para que possamos contribuir com o desenvolvimento desta parte do planeta Terra.

Os protocolos que assinamos hoje, na verdade, são importantes, mas ainda são pouco diante do que podemos assinar. Tenho certeza de que cada ministro que participou da reunião saiu convencido de que pode fazer mais, que pode contribuir mais e que pode fazer com que aconteça muito mais do que está acontecendo entre Moçambique e Brasil.

No campo da agricultura, o Brasil pode contribuir de forma decisiva para o crescimento da agricultura de Moçambique. No campo da pecuária, o Brasil pode contribuir de forma extraordinária. No campo da indústria, o Brasil pode contribuir de forma excepcional. E eu não tenho dúvida de que os empresários brasileiros estarão dispostos a dar essa contribuição.

A reunião de que participamos hoje, o presidente Joaquim Alberto Chissano e eu, com os empresários brasileiros e de Moçambique, é apenas



uma demonstração daquilo que pode acontecer se nós continuarmos trabalhando para aprimorar essa relação.

Eu quero dizer ao meu querido amigo, presidente Chissano – eu não digo isso para muita gente, ao longo da minha vida política tenho dito isso para pouquíssima gente, escolhida a dedo, possivelmente pelo sentimento da consciência e pelo sentimento do coração –: nem todo irmão é um companheiro, mas todo companheiro é um grande irmão.

E eu quero que o Presidente de Moçambique saiba que eu entrei aqui achando que ele era um irmão, e saio daqui achando que ele é mais do que irmão, que ele é um companheiro.

Essa relação que o Brasil pretende manter com os países da África não é uma relação de um país imperialista com vocação de hegemonia. Nós já estamos cansados, já fomos colonizados, já nos libertamos do hegemonismo. Nós, agora, queremos parceria, queremos companheirismo, queremos trabalhar juntos para a construção de uma política internacional equânime, para organismos multilaterais e democráticos para que tenhamos igualdade de oportunidades.

Quero que o meu amigo presidente Joaquim Alberto Chissano tenha certeza: eu tenho mais três anos e dois meses de mandato, e esse tempo que tenho de mandato será, dentre outras coisas, dedicado para que a gente possa recuperar o tempo perdido na nossa relação com o querido continente africano e com o querido país Moçambique.

Quero convidar a todos para fazer um brinde ao Presidente e à sua esposa, que não está presente. E fazer um brinde à felicidade do povo moçambicano, à felicidade do povo brasileiro e à felicidade do presidente Chissano.

/lrj/mcpro